



**Em memória
de Nuno
Júdice
(1949-2024)**

Felipe de
Saavedra

Nuno Júdice não se considerava um camonista. Contudo, publicou em 2019 um instigante livro de ensaios camonianos: *Camões por cantos nunca dantes navegados* (Júdice 2019).

Em 2022 deu-se um episódio na área dos estudos camonianos que teve o Nuno no centro: durante um festival literário e musical para o qual fora convidado, ele leu perante o público o soneto *Se misericórdia e amor não vos atara*, que havia encontrado ao compulsar a cópia digital do *Cancionero de Manuel de Faria* (Faria 1666:36r). Aventou então a hipótese, aliás timidamente, de o soneto não ter passado ainda a letra impressa. O jornalista que o entrevistava, e que se preparara muito mal para a ocasião, comentou que nesse caso estaríamos perante uma ocorrência notabilíssima da descoberta de um *inédito*, ao que o Nuno pontualizou que seriam os camonistas que teriam de se pronunciar.

De facto, seria pertinente ponderar qual é o conceito de *inédito* aplicável a um texto publicado digitalmente, e a todos acessível. A questão não será a do *ineditismo*, mas sim a de este soneto estar ou não convenientemente estudado.

Porém, assim que eu ouvi o Nuno ler o soneto apercebi-me no próprio instante de que ele já constava nas mais recentes edições da lírica de Camões. E logo lho disse em privado: *Se misericórdia e amor não vos atara*, além do *Cancionero de Manuel de Faria*, preserva-se em outro manuscrito (Camões s/d1:151r) e fora já editado por três vezes, contando com a publicação inicial em 1968. A última editora, Maria de Lourdes Saraiva, que não o admitira na edição dos sonetos de Camões que fez sair a lume em 1980, acabaria por acolhê-lo na segunda edição aparecida quase três lustros depois, em 1994, seguindo a sugestão do *corpus* que Berardinelli propôs também em 1980, que já o incluía.

Como o soneto tem *duas atribuições explícitas* nas fontes, e inexistem qualquer outra atribuição de autoria, mal andou Maurizio Perugi, o mais recente responsável por uma proposta de *corpus* dos sonetos (Camões 2020), que o excluiu por via dos critérios ultrarrestritos que tem vindo a

seguir, sugeridos em tempos por Pereira Filho e Azevedo Filho. Em todo o caso, este editor italiano tem vindo a ampliar o universo de sonetos admitidos, dado que inseriu posteriormente, na edição das canções, um suplemento com três sonetos adicionais (Camões 2021:281-287), pelo que irá provavelmente adicionar *Se misericórdia e amor não vos atara* à anunciada versão portuguesa daquela edição genebrina.

O entrevistador tinha, porém, uma agenda própria, e clamou nas redes sociais, em tom sensacionalista, que se esperava que alguém *publicasse* urgentemente tão fantástico achado.

Entretanto os jornais de Portugal e do Brasil iam dando eco a estes alertas do entrevistador, e sucediam-se as notícias sobre o inesperado *soneto inédito*. O caso tomou proporções tais que assustaram o Nuno, mormente porque surgiram comentários que pretendiam invalidar, contra todo o bom senso, a mera possibilidade da existência de poemas de Camões *desconhecidos*.

Colocada assim a questão, tornava-se urgente admitir que o soneto *inédito* afinal o não era – mas para que não prevalecessem as teses dos *sola scripta sexti decimi sæculi*, seria igualmente imprescindível que, a par desta retratação, o Nuno pudesse provar a existência de poemas ainda desconhecidos dos editores, e nunca estudados nem incluídos nas edições de *Obras Completas* de Camões.

Providencialmente, o Nuno lembrou-se de um velho manuscrito na Real Biblioteca da Ajuda onde encontrara perdido um outro poema de Camões, também este *a lo divino*, que em tempos ele entregara à poetisa Fiama Brandão (1938-2007), mas que esta não trabalhara. Pediu-me o Nuno que eu fosse pessoalmente à Biblioteca resgatar o texto no manuscrito. Assim o fiz, e com os elementos que ele me deu consegui redescobrir essa jóia de Camões identificada anos atrás, e que era um belíssimo vilancete sacro: *Duas grandes maravilhas / Vede se viu criatura* (Camões s/d2:16r).

Debatemos o significado daqueles versos e ele publicou o texto com a minha leitura paleográfica e com a interpretação dele (Júdice 2022), que apenas parcialmente coincide com a minha. Eu prometi-lhe que voltaria ao vilancete mais tarde, e partilharia as minhas conclusões.

O Nuno pôde então dar a devida réplica aos *guardiões do cânone*, fazendo-o com um artigo jocoso cujo título aludia às pequenas guerras literárias:

Precipitei-me ao chamar-lhe «inédito», embora com a ressalva de dizer que esperava por confirmação de especialistas, isto é, fazia uma ressalva a essa impressão minha. Logo que saiu a notícia, Felipe de Saavedra deu-me essa informação, ficando a saber por ele que o manuscrito fora publicado por Glaser em 1968 e retomado nas edições de Cleonice Berardinelli, em 1980, e Maria de Lurdes Saraiva, em 1994. *Mea culpa*, devido à rapidez na resposta sem ter feito uma investigação mais vasta; mas o tom fascinante e inesperado do poema não me suscitou grandes dúvidas nessa atribuição a Camões, o que só se reforçou ao saber que já antes Cleonice Berardinelli, por quem sempre tive admiração pessoal, e uma amizade recíproca, o publicara como autêntico na sua edição dos *Sonetos*.

Júdice 2022:6

Em seguida, vinha o *Eppur si muove*: é que existia mesmo um poema que ele encontrara e que não fora jamais publicado, o vilancete. E se não fosse aquela polémica, muito provavelmente as *Duas grandes maravilhas* continuariam sepultadas nesse imenso *mare magnum* da tradição manuscrita, que é urgente explorar em extensão e em profundidade.

A entrada em falso teve assim um final feliz, e nesse ano de 2022 conseguiu-se acrescentar um mote e quatro voltas ao universo da poesia de Camões, logo no campo onde os achados são mais necessários, o da poesia religiosa.

O Nuno foi depois convidado pela Rede Camões na Ásia & África a estar presente em 24-25 de fevereiro de 2024 no I Congresso do Meio

Milénio de Camões, em Macau. Disse-me com desalento que os médicos já não o deixariam vir. O mais longe que ele pudera ir nos últimos tempos fora a um colóquio que se realizara em Paris em novembro de 2022, e ao qual ele levara o estudo *O sexo no século de Camões*. Confiou-me o manuscrito para que eu o publicasse nas nossas *Atas*. E só pôde comparecer virtualmente à sessão do Congresso do dia 25 de fevereiro de 2024, na qual não falou, apenas assistiu. Terá sido a última vez que apareceu em público. Despediu-se das letras em ambiente camoniano.

Cumpra-se assim o desejo que ele nos expressou, abrindo as *Atas* com esta publicação póstuma de *O sexo no século de Camões, in memoriam*.



Referências

- Camões, Luís de (s/d1) De Luis de Camõis a Chr[ist]o atado à columna, AA.VV., [Obras poéticas de diferentes personas, en Portugués y en Castellano](#), Mss/4152, Biblioteca Digital Hispánica, Madrid: Biblioteca Nacional de España, 151r.
- Camões, Luís de (s/d2) Camoeins – Duas grandes marauilhas / Vede se vio creatura, AA.VV., *Cartas e Poesias de varios Assumptos*, Mss. BA 51-II-42, Lisboa: Real Biblioteca da Ajuda, 16r.
- Camões, Luís de (1666) De Luis de Camoẽs a Christo atado a columna, Manuel de Faria, [Cancionero \[Manuscrito\] recopilado por Manuel de Faria](#), Mss/3992, Biblioteca Digital Hispánica, Madrid: Biblioteca Nacional de España, 36r.
- Camões, Luís de (1980) *Sonetos de Camões*, *Corpus dos sonetos camonianos*, ed. de Cleonice Serôa da Motta Berardinelli, Braga: Barbosa & Xavier, «Textes - II», 47, 457.
- Camões, Luís de (1994) *Luís de Camões, Lírica Completa II – Sonetos*, ed. de Maria de Lourdes Saraiva, 2ª ed. revista, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 485.
- Camões, Luís de (2020) [La lirica di Camões. 1. Sonetti](#), edizione critica a cura di Maurizio Perugi, Genebra: Centre International d'Études Portugaises.
- Camões, Luís de (2021) [La lirica di Camões. 3. Canzoni](#), edizione critica a cura di Maurizio Perugi, Genebra: Centre International d'Études Portugaises.
- Faria, Manuel de (1968) *The Cancionero «Manuel de Faria»*, a critical edition with introduction and notes by Edward Glaser, Münster Westfalen: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 115, 218.
- Júdice, Nuno (2019) *Camões, por cantos nunca dantes navegados*, Lisboa: Sibila.
- Júdice, Nuno (2022) Um inédito de Camões – com alecrim de entrada e manjerona à sobremesa, *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias* 27.7-9.08, 6-7.

Saavedra, Felipe de (2025) Em memória de Nuno Júdice (1949-2024), in Felipe de Saavedra, ed., *Atas do I Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões, Macau 24-25 de fevereiro de 2024*, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 11-14. ISBN: 978-989-35669-3-0.